



# **Solta a voz, Rafael**

Rafael Thiago dos Santos  
e Mahyra Costivelli



**Solta  
a voz,  
Rafael**

TEXTO

Rafael Thiago dos Santos  
Mahyra Costivelli

EDIÇÃO DE TEXTO

Bruna Elage

REVISÃO DE TEXTO

Maria Luiza Xavier Souto

PROJETO GRÁFICO

Fonte Design

ILUSTRAÇÕES

Fabio Mariano  
a partir de fotos de  
Gilberto Tomé

# Solta a VOZ, Rafael

APOIO INSTITUCIONAL



instituto  
fazendo **história**





## Prefácio

*Solta a voz, Rafael* conta a história de um adolescente que descobre no rap uma forma de expressão e de dar sentido à vida. Ao reconstruir um episódio de sua história, Rafael resgata memórias da relação com a mãe, da vida com os irmãos e amigos, das passagens por instituições e, sobretudo, o seu desejo de uma vida melhor.

As experiências desse adolescente de 16 anos se repetem no cotidiano de muitas crianças e jovens que passam por abrigos, envolvendo questões tão complexas quanto comuns na realidade de milhões de brasileiros: desigualdade social, vulnerabilidade, miséria, violência e abandono.

Foi na Casa Taiguara, em São Paulo, que Rafael conheceu o projeto *Fazendo Minha História*, desenvolvido pelo Instituto Fazendo História, que tem o resgate da história e o fortalecimento da identidade como eixo condutor de seu trabalho.

Mahyra, psicóloga, educadora do Instituto Fazendo História e coautora deste livro, conheceu Rafael em um dos grupos com os quais trabalhou. Entre muitos meninos e meninas e muitas histórias, Rafael chamou atenção com suas letras de rap. Foi com base em uma relação de confiança que durante encontros, dentro e fora do abrigo, Mahyra e Rafael construíram juntos esta narrativa, baseada nos fatos, lembranças, pensamentos e letras de músicas que marcaram a vida do adolescente.

*Solta a voz, Rafael* é uma maneira de compartilhar com você, leitor, uma das muitas histórias que nós do Instituto Fazendo História acompanhamos em nosso cotidiano de trabalho.

É também uma maneira de reconhecer o potencial de transformação da arte, a força da aposta do educador e a capacidade de persistir, desejar e projetar o futuro.

Boa leitura!

Bruna Elage

SÓCIA-DIRETORA DO INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA



chego com a sinceridade,  
me expressando de verdade,  
para falar o que sinto,  
nas palavras aqui ditas, não minto.

*Agradeço ao Instituto Fazendo História, ao Abrigo Joselito  
Lopes Martins, a Chris Kokubo, Carol Taqueda, Lívia Bardella,  
Lurdinha Trassi, Issis Valenzuela e Priscila Carnaval.*

*Em especial a Bruna Elage,  
que ajudou a dar voz a esta história.*

*Mahyra*

*Dedico minha história a Gabriela  
e nossa filha, Brenda, a minha mãe,  
Alda Maria, a Wendel Santos  
Nascimento, a Janice, à família Taiguara  
e a todos que me deram assistência  
quando precisei.*

*Rafael*



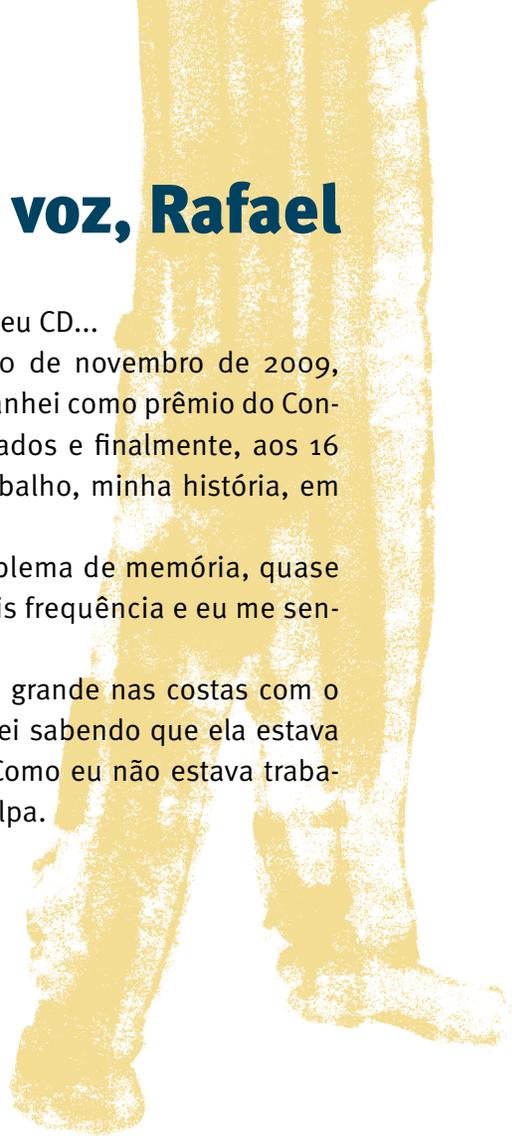
## Solta a voz, Rafael

Era a semana que eu tinha marcado de gravar meu CD...

Esperava ansiosamente pela sexta-feira, 20 de novembro de 2009, pois esse seria o grande dia da gravação que ganhei como prêmio do Concurso de Rap. Fiquei entre os primeiros colocados e finalmente, aos 16 anos, tinha oportunidade de registrar meu trabalho, minha história, em um estúdio firmeza.

Minha mãe estava bem melhor do seu problema de memória, quase terminando o tratamento, me visitava com mais frequência e eu me sentia feliz.

Tinha acabado de fazer uma tatuagem bem grande nas costas com o nome dela estampado, "A L D A", quando fiquei sabendo que ela estava sem dinheiro para pagar o aluguel da casa... Como eu não estava trabalhando naquela época, bateu uma tremenda culpa.



Minha cabeça fervia. Eram duas horas da tarde do dia 17.

Eu e três camaradas caminhávamos pelas ruas de São Paulo...

Eu só queria andar e não pensar em nada, melhor se fosse ouvindo um som bem alto. Mas as caixinhas do mp4 do Jeferson estavam sem pilha... Eles pararam para acender um cigarro quase em frente a uma padaria. Fui levado pelo cheiro gostoso do pão. Afastado do pessoal e completamente tomado pelo cheiro, minhas lembranças invadiram a mente...

*Aos 12 anos morando num barraco que eu mesmo construí sozinho em Itanhaém, como de costume estava na fila do pão da padaria, às nove da noite. Quando olho para trás era ela no final da fila. Não a via fazia dois anos... Fui ao encontro dela: “Mãe?”. E ela respondeu: “É, Rafael, é a mãe”. Começou a me falar um monte de coisas sem nexo, não entendi uma frase, mas disse: “Calma, mãe, vou levar a senhora para morar no meu barraco, fica tranquila!”. Ela disse que precisava de cigarro e então falei para aguardar ali que eu ia até a banca comprar e voltava em menos de um minuto. Mas, quando cheguei, ela não estava mais lá. Fiquei procurando pelos arredores... Ela havia sumido de novo. Esperei na porta da padaria a noite inteira, mas ela não apareceu. Dormi ali mesmo, no chão, e quando acordei no dia seguinte fiquei na dúvida: “Será que foi um sonho?”.*

Acordei de minhas lembranças com os moleques chamando: “Vem, Rafael, vamos arranjar uma pilha!”. Jeferson entrou numa loja e comprou umas pilhas paraguaias. Na volta, ele comentou que só havia uma senhora no estabelecimento e que aquela era a nossa chance. Ele me falou: “A gente tá precisando de dinheiro... Vamos lá, que eu sei que você não quer ver sua coroa na rua”.

Senti que devia algo a ela...

*Na hora do parto, o médico falou para minha mãe escolher entre a vida dela e a minha, pois não havia possibilidade dos dois ficarem vivos. Ela escolheu salvar a minha, mas por milagre nós dois sobrevivemos.*

"Eu devo a vida a ela!"

A adrenalina subiu no meu peito e eu fui...

Nós entramos na loja e o combinado era um deles dar a voz do assalto. Eu falei: "E aí, ainda tem aquela pilha lá?". A senhora respondeu: "Não tem, só tem Duracel". Eu achei que era hora de alguém dar a voz, mas ninguém falou nada... Saímos da loja e eu falei: "E aí? Por que ninguém deu a voz?". Eles responderam: "Dá a voz aí, Rafael, você é grandão e ela logo entra em choque". "Vocês estão de brincadeira? Esse não foi o combinado...", eu disse.

“‘VOZ...’ Não era assim que eu imaginava mostrar a minha para o mundo. Queria tomar espaço nos palcos, agitar as pessoas com a revolução através das palavras, RAP.”

Eu entrei na loja e falei para a senhora: "E aí? Dá aquela Duracel mesmo". Quando ela colocou a Duracel no balcão, falei: "Já! Dá esse, esse, esse", apontando para os aparelhos celulares da vitrine. Nessa, já pulei para dentro do balcão e joguei os aparelhos ali em cima. Os caras dividiram as mercadorias e deixaram algumas para eu carregar. Foi todo mundo para a fuga. Cada um correu pra um lado.

Quando eu estava quase chegando em casa, um polícia me parou e perguntou: "Posso saber onde você vai com tanta pressa?".



Falei: “Senhor, moro num abrigo aqui perto e não posso chegar atrasado”. Assim que encontrou os celulares roubados escondidos debaixo da manga do meu blusão, o policial ordenou: “Você vai me levar nesse abrigo!”.

“Não vou levar ele na casa porque os outros três correram para lá... Também periga até de fechar o abrigo e as crianças não terem onde morar.”

Lembrei das noites que tive que dormir nas ruas de Itanhaém... E, definitivamente, não queria o mesmo para os meninos.

Quis tumultuar para tentar livrar o pessoal. Virei as costas e saí gingando que nem maloqueiro.

Fui pego, logicamente.

Sentado num banco desconfortável, sem estofado, rumo à delegacia, eu olhava de dentro do carro a paisagem lá fora, correndo na velocidade do meu pensamento...

*Meu primeiro roubo foi aos 10 anos, em Itanhaém. Minha mãe teve uma crise de seu problema de memória, pulou o muro de casa e deixou os cinco filhos. Até tentei segurar a bolsa dela, para ela não ir embora, mas quando percebi que ela ia, mesmo sem as coisas, joguei a bolsa por cima do portão. Ela voltou para São Paulo. Meus dois irmãos maiores arranjaram casa de favor para morar e eu fiquei cuidando dos outros dois menores. Não deixava eles faltarem na escola. Mas chegou o final do mês e eu não tinha dinheiro para continuar pagando o aluguel... Tive, então, que construir um barraco! Como não tinha material, fui junto com uns amigos, durante a madrugada, roubar no bairro vizinho. Pegamos telhas e madeiras e viemos trazendo tudo em cima de nossas bicicletas. Colocamos umas vigas de madeira nos ombros, um ia pedalando em frente ao outro, cada um segurava um lado da viga que servia de apoio para as telhas...*





THANK  
2001

IN THE  
THE  
THE  
THE



queria nunca deixar a infância para trás,  
acontece que cresci, me tornei um rapaz.  
só não sabia que, pra crescer, eu teria que sofrer  
e que seria difícil, tudo isso eu entendi  
que um erro não justifica o outro  
que muito esforço por aqui se torna pouco  
que a chave pra viver pode ser a paciência  
que, para um bom, entendedor, um pingo é uma letra.  
na minha opinião, é só questão de consciência  
que nos momentos de fraqueza tem que haver a resistência.  
pra continuar, não desistir de sonhar,  
dificuldades enfrentar, para se recuperar,  
obstáculos na vida é o que não vai faltar.

caiu, se esforçou, levantou... continua.  
não é aqui que termina nossa luta.  
caiu, se esforçou, levantou... siga em frente.  
só se envolve na batalha quem é do na corrente.

No dia 20 de novembro de 2009, data da gravação do CD, era de noite, todos dormiam na Fundação Casa, quando ouvi um som que não sabia direito de onde vinha. “Era de dentro ou de fora?”. A melodia era familiar, eu sabia a letra de cor. Era reconfortante, era rap! Comecei a lamentar comigo mesmo a perda da grande oportunidade da minha vida quando, sem freio algum, mergulhei no passado...

*Comecei a escrever rap no meu barraco, aos 11 anos. Pegava um caderninho e um lápis e desabafava, tentava rimar, expressar o que eu estava passando e sentindo. Sempre quis escrever minha vida em rap, mas nunca consegui terminar. Perdia o ritmo, amassava o papel e jogava fora. Teve uma noite em que eu cheguei no barraco e meu irmão Fernando estava deitado na cama, com a cabeça coberta pelo cobertor, abafando seu choro. Puxei a cobertura e ele estava com a mão na barriga, gemendo de fome. Bateu a maior tristeza. Sentei e comecei a escrever várias letras rimando o que nós estávamos passando. No meio de uma rima, caiu a ficha do que eu tinha que fazer... Rasguei a folha, peguei a bicicletinha do vizinho emprestada e fui para o centro arranjar alimento. Consegui um saco de pão cheio de comida numa padaria. Voltei a milhão e quando cheguei no barraco perguntei: “E aí, Fernando? Está com fome ainda?”. Meu irmão, que já tinha parado de chorar, falou: “Orra, minha barriga já vai atravessar as costas!”. Quando ele abriu o saco, tinha vários rocamboles com goiabada, pães de queijo... Ele ficou maior alegre!*

É o rap que me trax inspiração.  
É o rap que me trouxe essa visão.

Após ouvir o rap na Fundação Casa, deitei a cabeça no travesseiro e dormi.

Acordei intrigado com uma imagem do meu sonho que parecia um quadro pintado na minha memória... A cena era esquisita, representava algo impossível! Estavam num mesmo local o Caveira, o Mc G, o Tirim, a Janice e toda a família Taiguara...

Passei o dia tentando ordenar no tempo e no espaço os acontecimentos da minha vida, misturados no quadro da minha memória.

Com esses pensamentos, as horas voaram...

*Aos 14 anos, montei meu primeiro grupo de rap. Era eu e três camaradas do abrigo de Itanhaém: Caveira, Tirim e Mc G. Foi nesse abrigo que reencontrei meu irmão menor, o Feijão, que foi retirado do meu barraco por causa de uma denúncia da escola, que descobriu que ele, aos 9 anos, era cuidado por um irmão apenas dois anos mais velho – EU! Meu grupo de rap do abrigo sonhava em produzir música, ir para a mídia e fazer o mundo inteiro escutar o que o grupo tinha a dizer. Como no abrigo nós sentíamos que não éramos ouvidos, pulamos o muro e fomos morar numa casa abandonada perto da linha de trem. Treinávamos, compúnhamos, íamos a shows e participávamos de concursos. Para conseguir comprar nossas coisas tomávamos conta de carro...*

*eu cheguei, falei, poucos quiseram me escutar...  
já que pouco adiantou, então rimbando vou cantar.*

*Voltei para São Paulo, aos 15 anos, a pedido de minha mãe. Morei alguns dias com ela, mas logo sua doença atacou, ela saiu de casa e minha irmã mais velha me encaminhou para o Taiguara. Foi nesse CRECA que conheci Janice, a educadora que mais me marcou, que mais me deu luz. Ela acreditava de verdade em minha habilidade para produzir rap... Eu sentia que ela apostava em mim e isso me incentivava a correr atrás do meu maior sonho.*

No dia de visita na Fundação Casa, eu estava na maior expectativa. Chorei demais, demais, quando vi aquela figura ali de pé na minha frente.

Era minha mãe! Ela apareceu, apesar de todas as dificuldades que passava.

Depois que ela foi embora, fiquei o dia inteiro de cabeça baixa, só pensando na vida... As lágrimas que rolavam carregavam não só as dores do momento, mas dores da vida toda. Cada lágrima puxava outra que carregava uma dor mais antiga... parecia que elas vinham de mãos dadas. Era incontrolável. Surgiam na minha frente partes do filme da minha história...

e, na correria, eu continuo contra o vento,  
a cada dia uma lição, vou aprendendo com o tempo.



*Eu, adolescente, deitado no beliche do abrigo, sem conseguir dormir, pensando na vida, querendo minha família do meu lado, e lágrimas escorrendo silenciosamente e encharcando o travesseiro.*

As cenas do filme da minha história não paravam de correr na minha mente, trazendo recordações cada vez mais antigas...

*Eu e meus irmãos de mãos dadas aos prantos, numa quadra de cimento fria e gigante, com medo do que nossa mãe ia imaginar quando chegasse em casa e visse que os filhos não estavam mais lá. Era nosso primeiro dia num abrigo! Eu tinha 3 anos na época. Fomos para lá depois que os vizinhos denunciaram que ficávamos em casa sozinhos enquanto nossa mãe ia trabalhar. Quando chegamos no abrigo, não sabíamos onde ficar, quais eram as regras, de quem eram os quartos... O único lugar que imaginamos que não íamos incomodar ninguém com nossa tristeza era na quadra.*

Vestindo minha blusa do Sabotage, meu boné, meu tênis sem o cadarço com a língua pra frente, saí da Fundação refletindo: “Não quero voltar para esse lugar, não. Quero minha casa, quero o abrigo”.

E fui que fui pra casa, na companhia da coordenadora do abrigo. Cada passo que eu dava era tanta coisa na minha mente. A coordenadora perguntava: “E aí, Rafael?”. Eu queria dizer algo, mas não conseguia. Minha fala ficava só ressoando dentro da cabeça: “Como será minha vida daqui pra frente? Como vou usar minha voz no futuro?...”.

Quando cheguei em casa, finalmente a voz saiu: “Será que ainda dá tempo de gravar meu CD?”.

meu sonho sempre foi subir no palco e cantar,  
me esforcei, graças a deus consegui realizar,  
já faz um tempo tô lutando pelo plano b.  
ei, moleque, na escola quero te ver,  
o importante nessa vida é não parar de questionar  
porque tem muitos erros que precisamos consertar.  
nesse mundo loko, tem que saber viver  
vários tombos, alguns erros e que começa a aprender  
a perdoar os irmãos que estão aprendendo agora.  
humildade no limite pelos dias de vitória.  
sei que às vezes é difícil admitir as falhas,  
mas procure melhorar e continue na batalha.  
se afasta, olho gordo! sai pra lá, tentação!  
vi vários manos morrer por causa da ambição.  
quero chegar ao final dessa loka missão,  
quero ver a favela em uma só união,  
todos aqui lutando pela igualdade.  
chega, nego, se envolve em busca da liberdade.  
grande parte da favela é chamada de bandido  
pela sociedade trancada nos presídios.  
então vamos lutar para que isso acabe,  
sem ideologias, nem ven de piolhagem.  
acredite nos seus sonhos, só não deixe virar ilusão,  
transforme em realidade se vem do teu coração.



## Soltando a voz, os autores:

*Satisfação, meu nome é Rafael.*

*Meu sonho é ser reconhecido como mc, rapper.*

*Gosto de rap, pois no rap eu me expresso.*

*Alegria, tristeza, felicidade ou dor,  
todos os sentimentos expresso num papel.*

*Depois é só transformar em ritmo e poesia.*

*Através do rap, escrevo o que acho sobre o mundo,  
o que acho sobre as pessoas e o que acho sobre o sistema.*

*Quando sinto falta dos parceiros das antigas  
ou vejo algo equivocado  
é no rap que eu conserto.*

*Satisfação, meu nome é Mahyra.*

*Sou psicóloga e faço história junto a crianças  
e adolescentes de abrigos CRECAS, através do  
projeto Fazendo Minha História.*

Este livro foi composto em Meta e Arsenale White,  
impressão *offset* sobre papel Alta Alvura 150 g/m<sup>2</sup>  
(miolo) e papel Triplex 250 g/m<sup>2</sup> (capa),  
em dezembro de 2010 na gráfica Nywgraf.  
Tiragem de 1.000 unidades.



instituto  
fazendohistória

FIXAÇÃO  
MARKETING CULTURAL

APOIO INSTITUCIONAL

LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



MINISTÉRIO  
DA CULTURA

